

## **O Caso das Palmeiras de Jauari e demais Vestígios além dos Humanos: Percursos de uma Prática Arqueológica entre Comunidades Ribeirinhas do Lago Amanã**

Jaqueline Gomes

Neste trabalho pretendo apresentar reflexões a partir de uma incursão que realizei no ano de 2019 ao Igarapé do Baré, um curso hídrico de águas pretas que deságua nas cabeceiras do Lago Amanã, que dá nome a uma unidade de conservação do baixo rio Japurá, no Estado do Amazonas. A pesquisa que venho desenvolvendo na região tem caráter etnográfico e parte de questões arqueológicas sobre construção e transformação de lugares, os relacionando ao processo de antropização do bioma. Busco entender como coletivos ribeirinhos contemporâneos se engajam com paisagens onde estão inseridos sítios arqueológicos que remontam a uma História Antiga da Amazônia. Venho encarando meu percurso de pesquisa em arqueologia como uma prática de sentido, que não se circunscreve ao passado tão pouco a uma materialidade convencional. Informada por diferentes aspectos da vida cotidiana e pragmática das comunidades com as quais trabalho, minha proposta é provocar uma expansão de nossos olhares sobre as paisagens e lugares. Neste percurso destaco, que antes, como arqueóloga, estava exclusivamente interessada pelas marcas e vestígios humanos e ansiava demonstrar o impacto antrópico sobre as paisagens. Meu olhar agora, mais acostumado, passa a ver paisagens repletas de sinais e vestígios de seres animais, vegetais e cosmológicos que povoam as águas e florestas, como por exemplo: concentrações de palmeiras jauari que são plantações de peixes tambaquis, sapopemas que são moradas de curupiras e rebolados de castanheiras que são as roças de cutias. Como plano de fundo minha questão é pensar: que outras formas de relações podemos amplificar quando encaramos em plenitude os diversos sentidos que comunidades tradicionais atribuem aos seus lugares?